

Relato de caso de mãe de filho suicida

Apresentamos a vivência de uma mãe do grupo de apoio aos enlutados por suicídio realizado a partir de um projeto de extensão do curso de Psicologia da Universidade do Estado de Minas Gerais. O grupo ocorre remotamente. O caso apresentado é de uma mãe que perdeu o filho único de 32 anos, chamada por ela de “mô de mãe”. Catarina, nome fictício, chega ao grupo desolada após 5 meses da perda do filho único que se mata enquanto ela viajava. Ela criou o filho sozinha após se separar quando ele tinha 9 meses. Os dois tinham uma relação de amor muito forte, dividiam as tarefas simples do dia-a-dia de forma divertida “enquanto eu fazia o café, ele colocava a mesa”, “enquanto ele fazia a massa do pastel, ‘ele adorava esses momentos’, eu fazia o molho”. Sabia que ele passava por uma depressão e relata que ele dizia que morreria após a morte dela para não a fazer sofrer. O grupo é misto, pessoas que perderam alguém por suicídio e aqueles que à tentativas sobreviveram. O contato com a dor de quem quer se matar ajuda essa mãe a ressignificar sua dor. Num primeiro momento o contato dela era com a perda do filho e a depressão vivida. Depois, ao ouvir os sobreviventes de tentativas, Catarina começa a fazer contato com o filho, além do suicida. No aniversário dele fazemos uma dinâmica para que nos apresentasse o filho e não o suicida. Entre o dia de sua morte e o aniversário restava somente um mês. Esta vivência a ajuda a fazer contato com momentos significativos da vida do filho, com momentos de muita alegria entre os dois e desperta nela a consciência de uma vida bem vivida ao lado do filho. Há meses sem sair do quarto e sem abrir as janelas, após 9 meses no grupo, permanece a dor da perda, como ferida “em carne viva”, como ela mesma denomina. Por outro lado, Catarina retoma as atividades diárias de forma paulatina, se mostra ativa no grupo na busca por mostrar para os que tentam se matar o estrago que farão na vida daqueles que ficarão, que há algo que possam fazer para terem uma vida com sentido. Toma consciência de que sua dor alterou a forma como alguns passam a sentir frente ao sofrimento que os levava a querer morrer. Ela hoje é uma pessoa cujas fronteiras de contato se tornaram mais permeáveis para ouvir a dor do outro e dividir a sua. Conseguiu construir com o grupo relações de amizade e busca organizar encontros presenciais entre eles apesar de serem de estados diferentes. Tem retomado o cuidado com o sítio em que passava muito momentos bons com o filho. Assim, no encontro com a angústia do outro tem sido realizado um processo de encontro consigo mesmo, abertura para o outro e, assim, uma contribuição para que as vidas, enlutadas ou vazias, se tornem vidas com sentido.

Palavras-chave: enlutado; sobrevivente; contato; consciência; sentido.

Case report of a mother of a suicidal son

We present the experience of a mother from the support group for those bereaved by suicide carried out from an extension project of the Psychology course at the State University of Minas Gerais. The group takes place remotely. The case presented is that of a mother who lost her only 32-year-old son, called by her “mô de Mãe”. Catarina, fictitious name, arrives at the group desolate after 5 months of the loss of her only son who killed himself while she was travelling. She raised

her son alone after separating when he was 9 months old. The two had a very strong love relationship, shared the simple day-to-day tasks in a fun way “while I made the coffee, he set the table”, “while he made the pastry dough, 'he loved those moments ', I made the sauce.” She knew that he was going through depression and reports that he said he would die after her death so as not to make her suffer. The group is mixed, people who lost someone to suicide and those who survived the attempts. The contact with the pain of those who want to kill themselves helps this mother to reframe her pain. At first, her contact was with the loss of her son and the depression she experienced. Afterwards, after listening to survivors of attempts, Catarina begins to make contact with her son, in addition to the suicide. On his birthday we make a dynamic so that he introduces us to his son and not the suicide. Between the day of his death and his birthday there was only a month left. This experience helps her to make contact with significant moments in her son's life, with moments of great joy between the two and awakens in her the awareness of a life well lived with her son. For months without leaving the room and without opening the windows, after 9 months in the group, the pain of loss remains, like a wound “in raw flesh”, as she herself calls it. On the other hand, Catarina gradually resumes daily activities, is active in the group in the quest to show those who try to kill themselves the damage they will do to the lives of those who will stay, that there is something they can do to have a meaningful life. He becomes aware that his pain has altered the way some people start to feel in the face of the suffering that made them want to die. Today, she is a person whose contact boundaries have become more permeable to listen to the other's pain and share her own. He managed to build friendships with the group and seeks to organize face-to-face meetings between them, despite being from different states. He has resumed taking care of the place where he used to spend a lot of good times with his son. Thus, in the encounter with the anguish of the other, a process of encounter with oneself has been carried out, openness to the other and, thus, a contribution so that lives, bereaved or empty, become lives with meaning.

Keywords: bereaved; survivor; contact; conscience; sense.